

Rio de Janeiro, 18 nov 2011

PAIS REAIS E PAIS SIMBÓLICOS

Palestra de Anne Fraise

Tradução: Silvana Sacharny

A Anne Fraise quer agradecer à Associação Brasileira de Análise Psico-orgânica (ABRAPO), que é uma associação nova, que existe há quatro anos e agrega todos os psicoterapeutas formados pela Escola, e cuja presidente atual é a Claudia Couto. Ela também agradece ao Centro Brasileiro de Formação em Análise Psico-orgânica (CEBRAFAPO), cuja coordenação é minha (Silvana Sacharny). A organização desse encontro é tanto da Associação quanto da Escola.

Vamos refletir, nessa noite, sobre um ponto chave do processo psicoterapêutico. O tema central da palestra é sobre o aprendizado de como nos tornar bons pais para nós mesmos. O que significa ser uma boa mãe para si próprio? E o que significa ser um bom pai para si próprio? Podemos dizer que o objetivo da psicoterapia é se tornar bons pais para si mesmo. Essa etapa de reparação das feridas da infância leva o cliente a soltar essas feridas e a tornar-se responsável por si mesmo. Ele vai sair do lamento e da queixa e parar de projetar no seu entorno o seu sofrimento. Com esse encontro e com o trabalho com os Pais Simbólicos, ele vai fazer triagens e escolhas e poderá ver os valores que quer encarnar na sua vida de adulto. Dessa forma, vai tornar-se consciente e responsável por si próprio.

Num primeiro tempo dessa reflexão, a Anne vai trazer definições, que procurou fazer da forma mais simples possível e que nomeou de “Arco-íris”. Vamos definir o que é o Real, o Simbólico e o Imaginário, além de dois outros conceitos para compreender a clínica dos Pais Simbólicos: o conceito de Energia Residual e o conceito de Energia Consequencial.

Esse trabalho dos Pais Simbólicos é uma parte do que chamamos de P.I.T. - Trabalho de Impulso Primário -, que o Paul Boyessen vem realizando desde 1975 e que a Escola transmite sob forma de dois seminários: em um seminário, focalizamos a Mãe Real e a Mãe Simbólica; e em outro, o Pai Real e o Pai Simbólico.

Em um segundo tempo do nosso desdobramento, a Anne vai trazer a reflexão sobre a Mãe Real e Simbólica e alguns casos clínicos. Depois, vamos olhar para o Pai Real e Simbólico e também trazer alguns exemplos. Finalmente, vamos reservar os últimos 15 minutos para que vocês possam fazer uma pequena experiência para que possam integrar as reflexões.

A ideia principal, que a Anne vai desenvolver como um fio, é de como é importante que possamos desenvolver a função materna e a função paterna; como é importante integrar - e fazer dialogar - internamente o amor e a lei, sejamos homens ou mulheres.

Ela vai começar explicando a razão de ter chamado esse tema de “Arco-íris”. O ser humano é representado enraizado no chão, a cabeça na direção do céu, das estrelas. Nós existimos entre o alto e o baixo. O arco-íris foi a metáfora que ela encontrou para expressar a aliança entre o espírito e a vida, o céu e a terra.

Existem duas formas de ver o mundo. Uma é trazer o sentido do que existe e do que estamos vendo. É o que faz o realista. Ele dá sentido ao que está vendo e baseia suas crenças nas suas próprias experiências. Outra forma de ver o mundo é pensar que o sentido pré-existe à realidade. É o que faz o idealista, que tem como apoio suas aspirações e *élans*.

Uma grande questão a se colocar é: será que o sentido existe como uma concepção do devir? Assim, se o sentido existe antes do real, ele traz consigo uma imagem ou imagens, e junto a essas imagens estão os Pais Simbólicos. Isso é extremamente importante para a psicoterapia.

Na APO, tomamos a posição de que o sentido pré-existe e de que a concepção pré-existe a qualquer realização. Para nós, na semente já existe todo o potencial da árvore. Se vocês escolherem a posição diferente, de que o sentido não existe antes da realidade, vamos criar uma mímica, uma repetição do real. Os Pais Simbólicos são, então, instâncias que nós trazemos e que existem para responder às nossas necessidades mais profundas e guiar e estruturar o nosso desejo. Dessa forma, podemos ser cocriadores desse devir.

Nós nos alinhamos com as ideias que Carl Gustav Jung desenvolveu. Para ele, os arquétipos estruturam o inconsciente coletivo, e os símbolos permitem o desenvolvimento de uma vida psíquica.

O que é o simbólico? Temos acesso ao simbólico pelas palavras, pelas imagens e pelos sonhos. No vocabulário que Anne utiliza, ela pode falar de um *mundo simbólico*, de um *espaço simbólico* e de *imagem simbólica*. O simbólico é uma compreensão que faz sentido, um *élan* que traz uma direção. Então, é um potencial que pode se realizar. Se vocês quiserem guardar uma definição, é esta: o simbólico é um potencial que pode se realizar.

Por exemplo, o bebê que não tem acesso à palavra vai chorar ou gritar para expressar que tem fome. Se ele assim o faz, é porque sabe que existe uma mãe que vai atendê-lo, que existe alguém que vai responder a essa necessidade mais profunda que é a sua fome. Então, podemos dizer que existe uma pré-imagem de uma *boa mãe*: “Eu tenho fome e tenho certeza de que a vida vai me suprir”. Essa é a definição do **Simbólico**.

Entre o Simbólico, que é inconsciente, e o Real há um longo caminho para a encarnação, com muitas perdas. Posso ter mil ideias, muitos projetos e sonhos, mas sei que só posso encarnar alguns. “No início era o verbo, e o verbo se fez carne”. Nesse processo de encarnação, existem várias perdas. O encontro com a matéria será, algumas vezes, bastante difícil.

Agora a definição do **Real**: é a matéria, a consistência, o que está aí; o que existe para além do meu desejo e da minha vontade; é o outro; é o peso, é o tempo, a parede; são os limites. Sabemos o quanto a vida pode trazer algumas pancadas no nosso real. Voltando para o bebê, ele fará a experiência rapidamente sobre o real. Talvez, a mãe chegue com doçura e ofereça o seio; talvez, venha uma outra pessoa, uma babá, e isso vai fazer uma diferença; ou a mãe chegue com raiva, porque acordou no meio da madrugada; talvez ela chegue depois de muito tempo, e isso já vai trazer um sofrimento para aquela criança.

O terceiro termo a definir é o **Imaginário**. Existe uma defasagem entre o *élan*, o Impulso Primário desse mundo simbólico e o real. O Imaginário vai habitar essa distância. O Imaginário é a dialética que existe entre o Simbólico e o Real. Essa criança, já mais crescida, pede algo pra mãe, que não responde: “Vem me dar boa noite, no meu quarto, para que eu possa adormecer. Eu quero dormir”. E a mãe não vem. A criança vai começar a imaginar: a mãe não vem porque não a ama; a mãe não vem porque ele fez uma bobagem durante o dia; a mãe não vem porque prefere algum irmão. E isso começa.

Já definidas essas três noções - o Simbólico, o Imaginário e o Real -, a Anne quer falar sobre outros dois conceitos importantes na APO, que são a **Energia Residual** e a **Energia Consequencial**.

O que é a **Energia Residual**? É o que não pôde circular, o que não pôde entrar numa alquimia e que se tornou encapsulado no nosso corpo, fixado na nossa memória e recalado no nosso inconsciente. Muitos sofrimentos que vivemos como adultos estão enraizados no passado.

No início da terapia, no primeiro ano de terapia, depois de o paciente trazer a sua história, o terapeuta vai convidar o paciente da APO a sentir e poder viver no seu corpo esse passado. Isso fará emergir muitas emoções, muitas reações, muitas descargas. É como um trabalho de limpeza dessa **Energia Residual**. Quando as raivas, os sofrimentos são suficientemente limpos, torna-se possível aparecer a **Energia Consequencial**. E essa energia vai permitir a transformação.

O terapeuta vai apoiar a **Energia Consequencial** colocando as seguintes questões para o seu paciente:

- Como você gostaria que fosse?
- O que pode ser bom para você?
- Do que, ou de quem você precisa nesse momento?

Aí, ocorre uma profunda transformação, porque a pessoa, aos poucos, vai desenvolver nela própria a função materna e a função paterna. A Anne vai dar um exemplo:

“Tenho um cliente, cujo nome é Mauricio, de 50 anos, que admirava muito seu pai. O pai era um grande engenheiro e um grande humanista. Esse homem, também ele mesmo, fez conquistas sociais e profissionais. Quando o paciente iniciou a terapia, o pai havia falecido. Ele sempre chegava muito bem vestido, com terno e gravata, e sua malinha... Tinha estabelecido sempre o mesmo ritual: tirava os sapatos, afrouxava um pouco o nó da gravata, mas mantinha o terno e sentava-se na minha frente.” A Anne sugeriu algumas vezes que ele se deitasse, mas ele dizia que não, e ela respeitava. Ele investia na sua terapia.

Depois de certo tempo, ela sentia que ele se colocava numa certa distância, e algo não vinha à tona. Em termos de uma contratransferência, a Anne começou a se entediar. Ela considerou esse sentimento e foi trabalhá-lo numa supervisão. Na semana seguinte, quando ele voltou e iniciou o ritual de sempre, a Anne falou: “Vamos trabalhar hoje de uma forma diferente. Você vai ficar em pé e vai tirar o paletó e a gravata. Vamos fazer um trabalho corporal, de consciência do corpo”. Ele se surpreendeu, mas aceitou a proposta. Anne começou a fazer alongamentos, respiração, a andar no espaço, e ele fazia o mesmo. Depois de uns 10 minutos de trabalho de conscientização do corpo e vitalização, ele mesmo foi deitar-se no colchão. Ele ficou em silêncio, ela sentou-se ao seu lado, e algumas lágrimas começaram a correr. Depois de certo tempo ele disse: “Admiro muito meu pai, mas me dei conta agora de que ele nunca brincou comigo”.

Nesse momento, como terapeuta, a Anne tinha as seguintes opções: ou dava suporte para a Energia Residual, ou ia na direção da Energia Consequencial. Ela considerou que as lágrimas eram um residual suave que estava sendo liberado e optou em ir para o Consequencial. Perguntou a ele: “Como gostaria que seu pai tivesse brincado com você?”. Ele respondeu: “Gostaria de ter andado de bicicleta com ele no domingo. Gostaria que ele tivesse me levado no escritório para eu ver onde ele trabalhava. Gostaria que ele me abraçasse quando chegava do trabalho à noite”. Ele também falou: “Gostaria que ele lesse histórias pra mim, e até mesmo que criasse uma história para mim”.

Nessa sessão, o cliente que fazia uma transferência paterna na direção da Anne, pôde desenvolver internamente um pai humano, próximo, amoroso e brincalhão. Depois, na transferência, nas sessões seguintes, ele não colocava mais essa distância. Ele criou uma proximidade, alguma coisa se descongelou.

Depois de conceituar Simbólico, Imaginário, Real, Energias Residual e Consequencial, a Anne gostaria de trazer agora os **Pais Reais** e **Simbólicos** e a forma como introduzimos esse trabalho em terapia individual e em terapia de grupo.

Pais Reais são os nossos pais encarnados e que, frequentemente, foram aqueles que nos educaram. Na realidade, esses pais não estão presentes no consultório, mas as imagens deles projetadas nos nossos pacientes e as experiências e sentimentos na relação com esses pais. Como

todo o ser humano, nossos pais reais têm qualidades e defeitos. A questão é saber se tivemos pais suficientemente bons para poder ter confiança na vida, crescer e traçar um caminho. Ou não.

Começando com a **Mãe Simbólica**, qual a sua função? Ela está aí para acolher nossas necessidades mais profundas. Está presente para auxiliar na nossa encarnação, ela garante a nossa segurança. Podemos dizer que a Mãe Simbólica é o princípio da vida. Quais são as qualidades que podemos esperar de uma boa Mãe Simbólica? Porque os Pais Simbólicos, diferentemente dos pais reais, só possuem boas qualidades. Essas qualidades são em função do que vocês precisam, do que buscam. Por isso, cada um vai buscar numa Mãe Simbólica qualidades que vão responder às suas necessidades. Embora quase todos esperem que a Mãe Simbólica seja amorosa, doce, que seja asseguradora e disponível, que seja compreensiva, próxima e respeitosa, alegre, inteligente e bonita. E que também tenha qualidade no contato, que ela seja carinhosa e que possa consolar e perdoar.

Para encontrar essa Mãe Simbólica é preciso propor ao paciente, individualmente ou em grupo, uma visualização. Depois de um relaxamento, de olhos fechados, peça para a pessoa ir na direção do mar. É nesse contexto de natureza, do mar, da areia quente, que é pedido que a pessoa sinta suas necessidades mais profundas. Que Mãe Simbólica pode vir para responder a essas necessidades profundas? Quais são as qualidades esperadas? Traga uma forma para esse simbolismo. O paciente pode falar com ela, trocar. Quando esse trabalho de conversa finaliza, é pedido que ele encontre um símbolo para essa Mãe Simbólica. Essa é uma primeira parte de uma sessão, ou podem ser várias sessões, dependendo do ritmo.

Num segundo tempo, é pedido para a pessoa se sentar, desenhar o símbolo encontrado e escrever um poema para essa Mãe Simbólica. Num terceiro tempo, pedimos para a pessoa ler o poema, projetando cinco qualidades da Mãe Simbólica, se em grupo, em pessoas do grupo, se num trabalho individual, a projeção pode ser realizada sobre outras pessoas da vida cotidiana.

Vou ler um trecho de um poema desse trabalho. O poema é muito grande, vou ler um trechinho apenas para ilustrar:

*“Mãe Simbólica
Da água, o grande útero da origem,
À terra, primeiro chão onde piso,
Sinto sua energia que pulsa
Abrindo-se e fechando-se
Em expansão e contração
Em seu movimento
A dança que flui em meu corpo
Permitindo-me viver a criação e a recriação de mim...”*

O símbolo da Mãe Simbólica é muito diferente para cada um. Por exemplo, alguns dos símbolos que emergiram num grupo onde a Anne fez esse trabalho na França: um novelo de lã; uma mão de uma dançarina; um vaso de madeira; uma sereia com os braços abertos; uma cornucópia, uma estrela do mar; um pouco de areia quente; a mão esquerda do Buda.

Podemos dizer que as imagens da Mãe Simbólica são pessoais e também culturais. Aqui, é frequente aparecer a figura de Iemanjá. Na França, aparece com frequência uma senhora idosa e sábia e também a Virgem Maria. A Anne ficou muito surpreendida, quando fez esse seminário na Lituânia, e sete pessoas do grupo escolheram como símbolo da Mãe Simbólica o sol. Durante o intervalo, ela compartilhou sua surpresa com a formadora de lá e soube que lá o sol é feminino.

Vamos falar agora da **Mãe Real**. Começamos pela Mãe Simbólica, depois vamos para a real. Esse encontro também vem através de uma visualização. Pedimos ao paciente que encontre a Mãe Real num lugar da escolha dele; que olhe para ela e comece a falar com ela e a dizer coisas que não puderam ser ditas. Depois desse diálogo, pedimos que também encontre um símbolo para sua Mãe Real, que desenhe esse símbolo e escreva dessa vez, uma carta para a mãe real.

A forma de poema para a Mãe Simbólica permite expressar o inexpressável. O modelo de uma carta direta é para expressar a relação direta com a sua mãe. Vamos ler um pequeno pedaço da carta de uma mulher que se chama Baya, tem 45 anos e também é mãe:

“Há algum tempo, perguntei como eu era quando pequena. A primeira coisa que você me disse foi que eu era má. Como mãe, acredito fortemente que uma criança má é uma criança infeliz. Eu lhe digo hoje que eu não era uma criança má, eu não sou má, egoísta, insensível. Mas eu tinha dificuldade de soltar essa minha imagem, porque precisei enfrentar a minha raiva por você, e com o risco de perder o seu amor. Preciso expressar a minha raiva, meu ressentimento, meu sofrimento. Não como uma reclamação, mas como a minha verdade. Ainda não consigo perdoar a sua incapacidade de se questionar e de aceitar a sua responsabilidade pelo desastre da história familiar. Hoje me sinto livre, ocupo o meu lugar, que não é o que você me atribuiu. Eu gosto da vida, eu gosto da minha vida”.

O símbolo da Mãe Simbólica dessa mulher era um grande buquê de flores, e o da Mãe Real era uma pedra toda lisa. Então, os símbolos refletem a história de cada um. Alguns de nós tivemos mães respeitadas, outros, mães mais deficientes, como a desse caso. Essa mãe tinha um coração fechado e era muito narcísica, olhava muito para si própria. Essa cliente recebeu muito pouco toque, tinha uma mãe muito dura e crítica.

Existe a polaridade inversa, quando há um excesso. A mãe dá um amor tóxico para a criança e diz: “É para o seu bem”. Mas, não pergunta quais são as verdadeiras necessidades nem os desejos da criança. É sempre o “É para o seu bem!”. Essas mães impedem seus filhos de irem para uma autonomia e de desfusionar. Vão mantê-lo numa fusão mortífera. O fato de trabalhar a Mãe Simbólica antes da Mãe Real permite que o cliente se descole da mãe real.

Agora falando do pai, o **Pai Simbólico** é o princípio do espírito, é um guia, que traz um sentido, uma direção; que traz pontos de referência; que transmite, que ensina; é aquele que inicia, que traz a iniciação, o criador; que vai dar estruturas e limites e trazer a Lei. Cada um de vocês precisa de um Pai Simbólico diferente. Geralmente, esperam do Pai Simbólico um pai amoroso, presente, forte, protetor. É um pai que guia, justo, que transmite e é paciente nesse ensinamento; um pai que olha e reconhece a criança, que é orgulhoso do seu filho; um pai sábio, que traz valores fortes e que tem conquistas sociais.

Para encontrar o Pai Simbólico também convidamos o paciente a uma visualização, mas não na direção do mar. Ele deve se visualizar como uma criança, entre 8 e 10 anos, perdido numa floresta; ele levanta a mão e pede ao Pai Simbólico para guiá-lo. Posteriormente, pedimos que encontre um símbolo desse Pai Simbólico, que desenhe o símbolo e escreva um poema para ele.

Aqui, a Anne encontrou muitas vezes imagens do Pai Simbólico como um xamã, um curandeiro. Na França, aparecem mais o velho sábio, o filósofo, um samurai, e por que não o Tarzan (essa é a necessidade de um pai esportivo!)?

Vou ler também um recorte de um poema do Pai Simbólico:

*“Guerreiro da luz, guardião do fogo
Energia que aquece, acolhe, agrega
Constrói, estrutura, cria eixo,
Ordena, organiza, discrimina,
Abre os meus caminhos, me direciona e guia
Permite-me ir, permite-me ficar
Deixa-me escolher,
Acompanha-me de longe
Mas, se preciso, aproxima-te
Movimento certo que aponta o rumo a seguir...”*

Algumas representações do Pai Simbólico e seus símbolos:

	PAI SIMBÓLICO	SÍMBOLO
Homem:	um peregrino	uma lâmpada

Mulher:	um camponês	uma foice
Mulher:	Deus	uma rocha
Mulher:	Tarzan	mãos abertas
Mulher:	Um monge tibetano	uma cuia tibetana
Homem:	Abraão	um anel aberto
Homem:	David, de Michelangelo	uma cuia de barro

Quando terminamos o trabalho com o Pai Simbólico, podemos passar para o **Pai Real**. Aí, o convite é para que se visualize um encontro com o pai real num lugar público e que se diga para ele: “Eu sou seu/sua filho/a. Veja o/a homem/mulher que me tornei”. Isso vai abrir um diálogo com esse pai. Depois, também convidamos o paciente a desenhar o símbolo e escrever uma carta para o pai. Depois, ele deve sublinhar 5 qualidades positivas e 5 qualidades negativas desse pai para projetar nas pessoas do seu cotidiano ou do seu grupo.

A Anne vai ler a carta de uma mulher. Quando ela escreveu essa carta, o pai tinha falecido há um ano:

“Papai, como é doce o tempo pensando em você. A forma como a gente ria, o cheiro da erva molhada, o crepitar das castanhas na lareira. Você me falava sobre a terra e dos tempos dos antigos. A sua vida nem sempre foi fácil, separações dolorosas, distâncias que deixaram lugar para o silêncio. A vida nos permitiu nos dizer adeus. Obrigada, meu pai, pela força e pelo amor que recebi de você. Obrigada pelo cheiro da terra e pela doçura do mel. Eu te amo.”

O Símbolo do Pai Real dela era uma abelha. Essa carta para esse pai real é quase um poema. Essa mulher pôde acompanhar o pai, já um homem de idade, no final de sua vida e esteve presente no momento do falecimento. O pai era um camponês, engajado politicamente, era do Partido Comunista. Durante a II Guerra, foi muito perseguido pelos alemães e, assim como muitos comunistas, foi para um campo de concentração. Ele conseguiu voltar do campo e deu muito apoio para a filha estudar.

Em contraste com essa relação de pai e filha, uma outra carta para o pai real de outra mulher:

“Papai, é a primeira vez que eu o chamo dessa forma. E isso me faz bem, depois de tanto tempo. É verdade que, para mim, você representava o vazio, um nada, um estranho, o cretino que me abandonou. Mas agora não estou mais aí. Sei também que sua ausência me construiu. Não tenho mais o ódio e o rancor que direcionei a você. Não tenho a vida que eu gostaria de ter tido aos 20 anos. Mas estou feliz por me tornar cada vez mais responsável pela minha vida, e isso também, indiretamente, é graças a você. Não tenho mais nenhum arrependimento e lhe transmito o meu amor. Sua filha”.

Essa mulher é mestiça, filha de mãe branca e pai africano. Quando a mãe, uma jovem estudante, engravidou, o pai, também jovem estudante, desapareceu (ao saber da gravidez) e não deu mais sinal de vida. Ela tinha um genitor desconhecido. E, nessa carta, foi a primeira vez que ela *falou* com esse pai. Escreveu “Papai” e assinou “Sua filha”.

Quando uma criança tem um pai presente, com uma *coluna vertebral*, tem mais chance de se construir. Temos duas polaridades, com várias nuances entre esses dois polos:

- 1) A primeira polaridade é um pai ausente, um pai que é um tapete para limpar os pés, ou um pai que é dominado pela mãe. A criança não vai poder confrontar os limites, vai se tornar um adulto que pode ter muito medo da vida, ou transgredirá muito para sentir os seus limites.
- 2) A outra polaridade é um pai rígido, severo e crítico, até tirânico. Ou a criança se submeterá e terá dificuldade em desenvolver a sua própria personalidade, ou se revoltará, e a forma de viver o mundo será sempre num “não”, no confronto, mas não no *élan* primário. São pessoas que precisam estar sempre confrontando e dizendo não para poder sentir o “sim” para si próprios, o que é muito cansativo, principalmente na relação amorosa.

A Anne quer trazer um exemplo. Um pouco antes de vir para cá, para o Brasil, ela fez uma sessão com um paciente de 24 anos que tem o hábito de se deitar e de tratá-la mais informalmente (usando *tu* no lugar do *vous*). Nessa sessão, ele compartilhou que estava ansioso, porque precisava fazer uma prova oral. Ele é muito confiante na escrita, mas diante de um júri, se perde. Teve um pai muito severo e que o castrou bastante. Anne, então, perguntou a ele: “Você pode ativar o seu Pai Simbólico?”. Já tinham feito esse trabalho. Ele começou a rir e disse que seu Pai Simbólico é um professor. Assim, vai conseguir estar diante do júri. Continuando a sessão de forma a ajudá-lo a integrar as qualidades desse Pai Simbólico, Anne o convidou a chegar para a prova oral com o seu Pai Simbólico. “Ok - ele disse -, vou colocar o meu Pai Simbólico do meu lado direito e, do lado esquerdo, vou colocar você”. Nesse momento, ela esteve nesse lugar de advogado de uma matéria que ela não conhece nem um pouco (Anne conta rindo). Isso tem a ver com a força da transferência do cliente. Ele encontrou psiquicamente essas referências paternas para poder atravessar com menos ansiedade as provas.

Concluindo a noção sobre os Pais Reais e Simbólicos, a Anne vai propor a vocês uma pequena experiência para que vocês possam sentir:

Fechem os olhos aí mesmo na cadeira onde estão, com os pés bem apoiados no chão.

Sintam bem a bacia e a coluna vertebral e façam algumas respirações.

(Tempo)

Soltem os pensamentos, as ideias e, com o auxílio da respiração, fiquem em contato com o seu corpo, com vocês mesmos.

(Tempo)

Acolham o seu silêncio interno...

Do lugar mais profundo de cada um, deixem emergir o símbolo do Amor. Como posso representar o Amor simbolicamente?

(Tempo)

Se chegarem vários símbolos, escolham um, o que a/o chama mais nesse momento.

(Tempo)

Agora soltem esse símbolo e, novamente, façam algumas respirações para voltar ao contato com o corpo.

Do lugar mais profundo de vocês deixem chegar o símbolo da Lei. Como simbolicamente represento a Lei?

(Tempo)

Coloquem as palmas das mãos viradas para cima apoiadas sobre as pernas e, suavemente, deixem pousar na palma da mão esquerda o símbolo que encontraram para o Amor, e na palma da mão direita depositem o símbolo que encontraram da Lei.

Devagarzinho, mantendo contato com as suas sensações, lentamente, aproximem as duas mãos.

Ao juntar as mãos e os símbolos, qual será o terceiro que vai chegar? Fiquem próximos das suas sensações.

(Tempo)

Quando for o momento para cada um, abram os olhos.

A Anne convida vocês a conversarem com os seus vizinhos, em dupla ou trio, para compartilhar o que encontraram.

TEMPO

Mesmo que tudo não tenha sido dito nessa troca de vocês, eu havia colocado para algumas pessoas que nosso tempo iria até 21:30, e gostaria, assim como a Anne, de respeitar esse acordo. Se alguém tiver alguma questão, ela poderá responder duas questões, ou se alguém quiser compartilhar algo nesse momento...

PLATEIA: Fiquei com uma dúvida quando ela falou em conversar com o pai real. Você disse para pensar em qualidades positivas e negativas para projetar no seu grupo. Não entendi isso.

ANNE: Por exemplo, nessa carta que a paciente escreveu, ela diz: "Você é um vazio, um nada, um estrangeiro e um cretino". Sobre quem essa pessoa pode projetar esse vazio, esse nada, esse estrangeiro... Quem lhe vem à mente? Quem a lembra um cretino, um vazio, um nada? E sempre há qualidades positivas também. Graças a isso, eu pude me construir. Em quem eu posso projetar essa construção? No final, ela falou: "Eu lhe transmito o meu amor". Mesmo tendo sido um pai ruim, foi um pai por quem ela pôde ter algum amor. É muito mais fácil projetar as

qualidades positivas do que os atributos negativos. Porém, temos sempre ambos, e é importante poder realizar isso. Isso nos permite nos descolar de determinados sentimentos, e nos lembrar de que existem representações do Amor, da Inteligência, da Justiça... Com relação aos atributos negativos, também é muito importante essa projeção. Posso projetar no outro sem destruir o outro. “Não posso projetar em ninguém a qualidade do *imbecil*”. Aí, alguém do grupo diz: “Eu posso ser o imbecil, isso não vai me destruir”. É importante esse movimento.

Outra pergunta?

PLATEIA: É através do imaginário que essa restauração vem?

ANNE: Precisamos cuidar do termo. Quase não falei no imaginário para não fazer confusão entre o imaginário e o simbólico. É certamente através das imagens. Mas os Pais Imaginários ainda assim são diferentes dos Pais Simbólicos. Não vou entrar nisso para vocês poderem sair com as ideias esclarecidas. Porque precisamos entender se o imaginário é um lugar de fuga ou de criatividade.

Podemos finalizar aqui.

Palestra transcrita por Monica Pedreira.